

A construção mediática da justiça em *Die Verlorene Ehre der Katharina Blum*: uma análise criminológica

Paula Filipa Pereira Moreira

Académica do Curso de Criminologia e Justiça Criminal
da Universidade do Minho

Resumo: O texto analisa a obra *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*, de HEINRICH BÖLL, ao explorar como os media constroem narrativas criminais e moldam as percepções públicas e judiciais. O estudo fundamenta-se em teorias criminológicas e jus-literárias, incluindo a teoria da rotulação, a biopolítica, a semiótica do poder e a criminalidade feminina. A obra é analisada cronologicamente, com destaque para as consequências da linguagem mediática sensacionalista na subjectivação de Katharina Blum e no seu isolamento social. Além disso, reflecte-se sobre o papel contemporâneo das redes sociais, manipuladas por algoritmos e plataformas digitais, como extensão das práticas opressivas descritas por BÖLL. Este artigo demonstra como a literatura transcende o seu papel narrativo para expor as falhas das instituições mediáticas e judiciais, promovendo um debate crítico sobre a justiça e a empatia no contexto actual.

Palavras-chave: Narrativas mediáticas / Imparcialidade judicial / Poder simbólico / Criminologia feminista / Teoria da rotulação

Abstract: The text examines the literary work *Die verlorene Ehre der Katharina Blum* by HEINRICH BÖLL, exploring how the media constructs criminal narratives and shapes public and judicial perceptions. The study draws on criminological and legal-literary theories, including labeling theory, biopolitics, the semiotics of power, and female criminality. The work is analyzed chronologically, emphasizing the consequences of sensationalist media language on Katharina Blum's subjectivation and social isolation. Furthermore, it reflects on the contemporary role of social media, manipulated by algorithms and digital platforms, as an extension of the oppressive practices depicted by BÖLL. This article demonstrates how literature transcends its narrative function to expose the shortcomings of media and judicial institutions, fostering critical discourse on justice and empathy in the modern context.

Keywords: Media narratives / Judicial impartiality / Symbolic power / Feminist criminology / Labeling theory

Introdução

“A violência das palavras pode, em determinadas circunstâncias, revelar-se mais devastadora do que a das agressões físicas ou mesmo das armas de fogo”¹

[Heinrich Böll]

A literatura tem vindo a desempenhar um papel primordial nas críticas e na compreensão do fenómeno criminal, ao sublinhar as diversas interseções entre os comportamentos desviantes, as narrativas institucionais e as normas sociais. A obra *Die Verlorene Ehre der Katharina Blum*, de HEINRICH BÖLL, publicada em 1974, constitui uma denúncia incisiva das consequências destrutivas das narrativas mediáticas sensacionalistas. A obra evidencia o modo como os *media*, por via da sua linguagem e da sua capacidade performativa, moldam a percepção pública dos sujeitos, fragilizam o princípio da presunção de inocência e interferem nos processos de decisão judicial, instaurando uma preocupante simbiose entre o campo mediático e o sistema de justiça.

O presente artigo tem como objectivo, através de uma metodologia baseada na revisão bibliográfica, analisar como os *media* transformam Katharina Blum numa figura criminosa e, por conseguinte, influenciam a decisão judicial. A análise articula, a partir da narrativa literária, uma reflexão de cariz jus-literário e criminológico. De modo a compreender o papel disciplinar dos *media* e a sua capacidade de moldar os comportamentos e as narrativas sociais revela-se fulcral

¹ H. PEUCKMANN (org.), “Unterrichtseinheit Heinrich Böll: Die verlorene Ehre der Katharina Blum oder: Wie Gewalt entstehen und wohin sie führen kann”, in H. Hensel (Hrsg.), *Unterrichtseinheiten zur demokratischen Literatur. Eine Publikation des “Werkkreis Literatur der Arbeitswelt”*, 1977, pp. 15-43, p. 41. Pädex (Entrevista: Heinrich Böll im Interview mit Dieter Zilligen, *Bücherjournal III vom 19. 10. 1974 im III. Programm des NDR*. Tradução livre de: “Die Gewalt von Worten kann manchmal schlimmer sein als die von Ohrfeigen und Pistolen.”).

recorrer a conceitos como a teoria da rotulação, de HOWARD BECKER, e a biopolítica, de MICHEL FOUCAULT, entre outros².

A relevância deste estudo visa transcender o contexto da obra de BÖLL, ao estabelecer uma ligação com o ambiente digital contemporâneo e explorar fenómenos como as *fake news*, a cultura do cancelamento e a manipulação algorítmica que tem vindo a amplificar os mecanismos descritos pelo autor, demonstrando deste modo que a sua crítica se mantém excepcionalmente actual³.

Este artigo organiza-se em quatro secções principais. A primeira apresenta a contextualização histórica e literária da obra, destacando o ambiente sociopolítico da Alemanha nos anos 60 e 70. Segue-se uma análise crítica cronológica da narrativa, interligando-a com teorias jus-literárias e criminológicas. A terceira secção reflecte sobre as narrativas mediáticas na era digital, explorando as dinâmicas de manipulação contemporâneas. Finalmente, nas considerações finais, sintetiza-se a relevância da obra e da análise para os estudos literários e criminológicos.

1. Contextualização histórico-política

1.1. O contexto sociopolítico da Alemanha nos anos 1960 e 1970

Ao longo das décadas de 1960 e 1970, a Alemanha Ocidental fez face a diversas transformações sociais, culturais e políticas. A rápida modernização e o crescimento económico, acompanhados por tensões ideológicas e uma crescente polarização política, resultaram na emergência do terrorismo interno, representado pela *Rote Armee Fraktion* (RAF), um grupo extremista de esquerda que desafiou o Estado alemão com acções violentas, de sequestros a atentados, contribuindo para uma atmosfera de medo e vigilância constante⁴.

Diante deste contexto de instabilidade, a imprensa tornou-se um instrumento primordial na formação da opinião pública, sendo que jornais como o *Bild* adoptaram

² H. S. BECKER, *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*, The Free Press, 1963, disponível em <http://ci.nii.ac.jp/ncid/BA12408679>; M. FOUCAULT, *The birth of biopolitics: Lectures at the Collège de France, 1978–1979* (M. Senellart, Ed.; G. Burchell, Trans.), Palgrave Macmillan, 2008.

³ INÊS AMARAL/SOFIA J. SANTOS, “Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade”, in J. Figueira/S. Santos (orgs.), *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*, 2020, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 123-140, disponível em <https://hdl.handle.net/10316/96605>.

⁴ A. GOHR, *Heinrich Böll – Infos zur Rote-Armee-Fraktion* (RAF), 1970, disponível em https://www.ra-finfo.de/faq/personen/heinrich_boell.888.php.

uma abordagem sensacionalista, sacrificando a precisão em prol da espetacularização dos eventos e da manipulação das narrativas. Estas estratégias revelaram ser especialmente evidentes na cobertura dos indivíduos associados ao terrorismo, frequentemente retratados como “inimigos públicos”, consolidando o papel dos *media* como actores centrais no reforço da polarização e no controlo social⁵.

1.2. Criação da obra

A criação da obra está extraordinariamente enraizada num período de grande reflexão sobre os limites da liberdade de expressão e o poder das instituições públicas. HEINRICH BÖLL inspirou-se particularmente na experiência do psicólogo Peter Brückner, que vivenciou uma série de represálias e perseguições por abrigar membros do grupo terrorista Baader-Meinhof na sua residência, embora não tivesse qualquer tipo de envolvimento nas suas actividades ilícitas. Como se pode verificar nas entrevistas que concedeu à imprensa alemã, Brückner descreve o sofrimento que lhe foi causado por ser alvo de sucessivas difamações, afirmando que os *media* o desumanizaram ao ponto de se sentir uma “*não-pessoa*”, sendo vítima de ameaças constantes, resultando no seu isolamento, exclusão social e profundo desgaste psicológico, o que, como veremos adiante, assemelha-se às vivências da personagem principal desta obra de BÖLL, representando desta maneira o destino de muitos cidadãos da época, cujas vidas foram irremediavelmente assombradas pela actuação irresponsável e persecutória da imprensa⁶. Foi através desta inspiração real que BÖLL construiu esta narrativa ficcional que se reflecte na figura de Katharina Blum, ao espelhar a realidade turbulenta da época e o papel dos *media* no processo de formação da opinião pública, das formas de controlo social e de decisões judiciais influenciadas pelas narrativas mediáticas⁷.

⁵ B. VÖLKL, *Die verlorene Ehre der Katharina Blum von Heinrich Böll: Reclam Lektüreschlüssel XL: Lektüreschlüssel mit Inhaltsangabe, Interpretation, Prüfungsaufgaben mit Lösungen, Lernglossar*, Reclam Verlag, 2023.

⁶ H. HÖRING, *Briefe. Betroffen – belastet – diffamiert*, *Der Spiegel*, 1974, disponível em <https://www.spiegel.de/politik/betroffen-belastet-diffamiert-a-6f84e79e-0002-0001-0000-000041651493>.

⁷ T. R. RUSS, *Weder Bürger noch Mensch: Gefangener der Medien und des Rechtsstaats gekoppelte Entmenslichung mit Radikalisierung – Zwei Auffassungen Heinrich Bölls Die verlorene Ehre der Katharina Blum oder: wie Gewalt entstehen und wohin sie führen kann* (dissertação de doutoramento, Portland State University, 2010). Dissertations and Theses, Paper 92. Disponível em <https://doi.org/10.15760/etd.92>.

1.3. Recepção da obra

Como era de esperar, devido à forte crítica à sociedade no seu todo, principalmente à imprensa, a recepção da obra após a sua publicação pode ser considerada um reflexo do que o autor retratava na mesma e como uma afronta para alguns críticos, sendo deliberadamente excluída das listas de best-sellers pela Springer-Press, proprietário do influente *Bild*, jornal satirizado por BÖLL na forma da *Zeitung* nesta narrativa, que posteriormente analisaremos. Destacam-se vozes como a de Günter Zehm, que alegou que Böll criou uma espécie de um “*Passionspiel*” para glorificar o crime organizado, nomeadamente o terrorismo, sugerindo que ele promovia empatia pelo extremismo⁸. PETER HORNUNG, por sua vez, considerou a obra perigosa, apelidando-a de uma espécie de “apologia ao terrorismo”, caracterizando-a como “socialmente prejudicial”⁹. Apesar de tudo, a crítica foi na sua maioria positiva entre os círculos literários e intelectuais, sendo considerada uma das mais marcantes obras da literatura alemã do pós-guerra, designada como “literatura dos escombros”¹⁰. Importa, assim, ressaltar que a nível nacional a obra originou uma discussão significativa, resultando, por conseguinte, na sua tradução para diversos idiomas, tornando-se um exemplo de renome nas críticas ao papel da narrativa mediática, da justiça e da preservação da dignidade humana¹¹.

1.4. Resumo da obra

A obra *Erzählung* debruça-se sobre o percurso de vida de Katharina Blum, uma jovem de 27 anos, cuja vida e honra é devastada após um breve envolvimento com Ludwig Götten, suspeito de terrorismo. Sem conhecimento da sua verdadeira identidade, Katharina ajuda-o e torna-se alvo de uma campanha mediática liderada pelo jornal sensacionalista, *Zeitung*, que a retrata como cúmplice, sexualizando e politizando a sua figura. A pressão mediática leva ao isolamento social de Katharina, à

⁸ G. ZEHM, Heinrich der Grätige: Macht Bölls neue Erzählung Stimmung für ein restriktives Pressegesetz? *Die Welt*, 1974.

⁹ P. HORNUNG, Böll als Meister des Polit-Kitsches, *Deutsche Tagespost / Fränkisches Volksblatt*, 1974.

¹⁰ M. WITTFELD, Heinrich Böll und die deutsche Nachkriegsliteratur, *uni:view*, 2017, disponível em https://medienportal.univie.ac.at/uniview/wissenschaft-gesellschaft/Rectanus_/detailansicht/artikel/heinrich-boell-und-die-deutsche-nachkriegsliteratur/?no_cache=1.

¹¹ M. W. RECTANUS, “The Lost Honor of Katharina Blum: The reception of a German best-seller in the USA”, in *The German Quarterly*, vol. 59, n.º 2, 1986, p. 252, disponível em <https://doi.org/10.2307/407421>.

morte da sua mãe, ao assassinato do jornalista Tötges, que ela comete, e, finalmente, à sua condenação por um sistema judicial profundamente influenciado pelas narrativas mediáticas, evidenciando o impacto do sensacionalismo na imparcialidade da justiça, na ética da imprensa, destacando-se, assim, como as mesmas criam realidades que destroem vidas, enquanto perpetuam a desigualdade e o preconceito social.

2. Análise crítica da obra

“... A forma como a violência pode emergir e os caminhos
a que pode conduzir.”¹²

[Heinrich Böll]

A análise da obra ultrapassa um mero exercício literário, proporcionando uma crítica às práticas sociais e mediáticas que moldam a percepção pública e o julgamento individual. BÖLL demonstra-nos como a vida de Katharina é alvo de distorção, transformando-a num símbolo da ameaça social e do desvio, evidenciando assim o papel dos *media* na configuração de uma sociedade que se distingue pela estigmatização, pela manipulação e pela vigilância.

2.1. A invasão mediática e o rótulo criminal

“Parto do princípio de que a linguagem [...] é o que confere
ao ser humano a sua plena humanidade, estabelecendo
a sua relação consigo próprio [...]”.¹³

[Heinrich Böll]

A vida de Katharina é transformada ao acolher Ludwig Götten, uma decisão inicialmente tomada sob empatia e vulnerabilidade, após o seu encontro numa

¹² H. BÖLL, *Die verlorene Ehre der Katharina Blum oder: Wie Gewalt entstehen und wohin sie führen kann: Erzählung* (61. Auflage), dtv Verlagsgesellschaft, 1976b). Tradução livre do subtítulo: “Wie Gewalt entstehen und wohin sie führen kann”.

¹³ HEINRICH BÖLL, *Frankfurter Vorlesungen* (2017, Dezembro 20), Boell.de., disponível em <https://www.boell.de/de/2017/12/20/heinrich-boell-frankfurter-vorlesungen#:~:text=Ich%20gehe%20von%20der%20Voraussetzung%2C-%20Monolog%2C%20Dialog%2C%20Gebet> [acesso em 3/11/2024]. Tradução livre de: “Ich gehe von der Voraussetzung aus, daß Sprache [...] den Menschen zum Menschen mach[t], daß sie den Menschen zu sich selbst [...] in Beziehung setz[t].”.

feita. Com a invasão da sua privacidade, desencadeada pela polícia e noticiada pela *Zeitung*, a protagonista perde o direito à narrativa da sua própria vida, sendo o seu acto de bondade interpretado como cumplicidade criminosa, levando à sua rotulação como “*Räuberliebchen*” (KB 36) e “*Mörderbraut*” (KB 39). A manipulação da sua imagem evidencia o poder dos *media* de definir identidades e destruir a honra, através da desumanização. Ao projectar sobre Katharina uma identidade de perigo e transgressão, a *Zeitung* faz uso do jornalismo sensacionalista como fim para a criação de narrativas que atendem aos interesses comerciais e ideológicos, reinterpretando os factos de maneira substancial para atrair a atenção pública (KB 29, 37).

O conceito de invasão mediática assume um papel fulcral na inteligibilidade da dinâmica de rotulação criminal, ao evidenciar um processo em que os *media* ultrapassam a função descritiva e informativa, transmutando acontecimentos em espectáculos narrativos, distorcendo o real e produzindo identidades mediaticamente construídas. Não obstante ser apelidada de “freira” no círculo dos seus conhecidos (KB 53), a *Zeitung* persiste em representar Katharina de forma selectiva e manipulada, mediante títulos sensacionalistas como “*Räuberliebchen Katharina Blum verweigert Aussage über Herrenbesuche*” e “*Mörderbraut*” (KB 36, 39). Tal apropriação da sua esfera íntima visa convertê-la num emblema de transgressão e criminalidade terrorista feminina, numa operação discursiva que, ao erodir progressivamente a sua humanidade, instiga o público a deixá-la de perceber como testemunha passiva para a projectar como cúmplice activa – isto é, como culpada *a priori*. Somos obrigados a recorrer à teoria do *Vorurteil*, de HEIDEGGER, para elucidar como este processo de pré-julgamento consegue moldar a percepção pública na obra de BÖLL¹⁴. Segundo GADAMER, este mesmo *Vorurteil*, na perspectiva do preconceito, não se reduz a um mero erro de julgamento, mas a uma condição de interpretação dos factos que interfere no modo como a nossa realidade é compreendida, ou seja, as expressões difamatórias representam um enorme poder de destruição da subjectividade e da identidade, e não se limitam a uma escolha semântico-retórica, mas sim uma estratégia deliberada para explorar os medos, preconceitos e estereótipos predominantes na sociedade, condensando a complexidade da figura

¹⁴ A. ROCQUE, 1980, *Sein und Zeit*. Von Martin Heidegger. 14. Auflage mit den Randbemerkungen, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1977, 437, S. 28 – DM. *Dialogue*, vol. 19, n.º 2, pp. 327-328, disponível em <https://doi.org/10.1017/s0012217300024975>.

principal carregada de conotações negativas, simplificando uma narrativa complexa e multifacetada em categorias rígidas de culpada e inocente, impura e pura¹⁵.

A teoria da rotulação social de HOWARD BECKER é uma abordagem notável para compreender a dinâmica de exclusão e estigmatização a que Katharina é submetida¹⁶. BECKER argumenta que a sociedade cria categorias de desvio, ao atribuir rótulos aos indivíduos, que passam a ser vistos e tratados de acordo com estes estigmas e preconceitos, independentemente da sua real conduta, da veracidade dos factos e da complexidade da experiência humana, que é defendida por figuras como ADORNO, HORKHEIMER e JOANA AGUIAR E SILVA¹⁷. A repetição incessante de termos como “*Räuberliebchen*” e “*Mörderbraut*” reforça uma identidade de transgressora e perigosa, ao empurrar Katharina para o espaço do desvio e da criminalidade. O poder dos *media*, ao se apropriarem da sua história pessoal, e ao ignorarem as suas motivações, expõe a fragilidade da presunção de inocência e o poder de transformação da narrativa mediática. O comentário de Katharina, “Quem é que lê isso? Todas as pessoas que eu conheço leem a *Zeitung*!” (KB 61), o que ressalta a hegemonia da *Zeitung*, a qual não só domina o espaço informativo, mas também manipula as percepções do público, tornando a imagem de Katharina irreversivelmente moldada pelos *media*, negando-lhe a oportunidade de defesa ou de resposta, o que solidifica ainda mais a narrativa criminoso¹⁸.

A partir desta perspectiva, a teoria do bio-poder, desenvolvida por MICHEL FOUCAULT, permite examinar através de uma perspectiva analítica como os *media*, enquanto agentes do controlo social, se apropriam da vida da Katharina e a reconstroem como um sujeito vigiado e manipulado¹⁹. Este conceito do bio-poder aborda um tipo de controlo que se exerce sobre os corpos e as vidas individuais, por meio da criação de discursos, que visam regular comportamentos e moldar identidades. A construção da culpabilidade é, assim, um processo discursivo que

¹⁵ M. KUHN, *Die Rolle der Vorurteile in der Hermeneutik* Gadamers, 2013.

¹⁶ H. S. BECKER, *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*, cit.

¹⁷ T. ADORNO/M. HORKHEIMER, “The culture industry: Enlightenment as mass deception”, in C. Kul-Want (Ed.), *Philosophers on film from Bergson to Badiou: A critical reader* (pp. 80-96), 2019, Columbia University Press, disponível em <https://doi.org/10.7312/kul-17602-005>; JOANA AGUIAR E SILVA/PAULO FERREIRA DA CUNHA, *Direito, discurso e poder: Os media e a decisão judicial*, Universidade do Minho, 2019, disponível em <https://hdl.handle.net/1822/66882>.

¹⁸ H. DIEDERICH, *Konzentration in den Massenmedien: systematischer Überblick zur Situation in der BRD*, Reihe Hanser 120, 1973.

¹⁹ M. FOUCAULT, *The birth of biopolitics: Lectures at the Collège de France, 1978-1979*, cit.

não apenas a priva da sua liberdade de acção, mas também a submete ao poder de uma narrativa que não é a sua, mas que se impõe sobre ela. A presença dos *media*, como mecanismo de controlo, excede os limites do sistema judicial tradicional, pois enquanto a investigação policial ainda está a decorrer, a *Zeitung* já apresenta um veredicto público, julgando e condenando Katharina pela exposição da sua vida privada. Esta antecipação de um julgamento formal e a construção de uma narrativa pública de culpabilidade assinalam uma forma de controlo social que supera as práticas judiciais, tornando o poder dos *media* paralelo que redefine as normas e as expectativas dos comportamentos. Ao ser exposta publicamente, Katharina encontra-se enranhada num processo de vigilância contínua, no qual as suas acções e palavras são consecutivamente monitoradas e analisadas, impactando a sua autonomia e a sua liberdade de forma intensa, sem estar isenta de interpretações externas, correspondendo ao conceito de panoptismo defendido por JEREMY BENTHAM, que o frisa como a dinâmica mediática que incessantemente observa, interpreta e avalia, neste caso a Katharina, forçando-a a ajustar o seu comportamento às expectativas de uma sociedade que a vê como culpada antes mesmo de qualquer julgamento formal²⁰.

2.2. Estereótipos de género e a criminalidade

Os estereótipos de género e a sexualização das mulheres são fortemente instrumentalizados pelos *media*, com o intuito de moldar as narrativas de criminalidade e transgressão moral²¹. Katharina, inicialmente uma mulher comum e independente, é gradualmente transformada numa figura associada à ameaça social, centrando-se a construção da sua culpabilidade, nomeadamente, na sua feminilidade e autonomia sexual, o que reflecte uma estrutura social em que a mulher é frequentemente reduzida à sua sexualidade, sendo vista como moralmente duvidosa e, por conseguinte, uma criminosa, não pelas suas acções em concreto, mas pela percepção da sua identidade sexual e afastamento das normas sociais tradicionais²².

²⁰ ANA LEONOR PEREIRA, (n.d.), «A institucionalidade contemporânea e a “utopia” de Bentham», *Jornal da Faculdade de Letras da UP*, disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6434.pdf>.

²¹ J. BOLES/C. SMART, “Women, crime and criminology: A feminist critique”, in *Social Forces*, vol. 56, n.º 2, 1977, p. 727, disponível em <https://doi.org/10.2307/2577765>.

²² S. T. HADI/M. CHESNEY-LIND, «Female “deviance” and pathways to criminalization in different nations», in *Oxford Research Encyclopedia of Criminology*, 2020, disponível em <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264079.013.573>.

A *Zeitung*, apesar de a descrever como uma “mulher atraente” (KB 91), insinua que a sua recusa à submissão ao interrogatório policial sobre os “*Herrenbesuche*” (KB 31) é uma manifestação de uma “sexualidade excessivamente sensível, quase puritana” (KB 19). Esta abordagem contraditória sublinha como os *media* exploram a sua sexualidade e a utilizam como instrumento de marginalização, afectando o modo como a polícia a retrata. Por força da narrativa mediática, Katharina é assediada por uma “voz masculina terrivelmente suave” (KB 75) ao telefone e recebe “ofertas sexuais brutais” (KB 77) através da sua correspondência – episódios estes que reflectem um tipo de violência simbólica contra a personagem e revelam como a sexualidade feminina é vista como uma área fértil para o assédio e o controlo, reduzindo-a a um objecto de desejo e domínio, ao invés de ser reconhecida como um ser humano autónomo²³.

O tratamento de Katharina pelos agentes policiais reflecte a crítica de CAROL SMART sobre a criminalização de mulheres que desafiam normas tradicionais de feminilidade, sendo julgadas mais pela moralidade sexual percebida do que pelas acções concretas, tendo Katharina sido alvo de uma condenação pela sua autonomia sexual, exemplificando esse padrão²⁴. A abordagem dos *media* e das autoridades também se verifica nas críticas de ADORNO e HORKHEIMER à cultura de massas, que distorce as realidades individuais nas narrativas sensacionalistas para moldar a imaginação colectiva²⁵. A *Zeitung* transforma a vida privada de Katharina num espectáculo, explorando a sua sexualidade com fins de consumo público e manipulando percepções sobre a sua legitimidade como mulher independente, desconsiderando a complexidade humana e a empatia pelo outro.

2.3. Estigmatização e isolamento social

À medida que desfolhamos as páginas da obra, a *Zeitung* exclui Katharina não só socialmente como psicologicamente, privando-a das suas retaguardas essenciais para a sua integração e o seu bem-estar, salientando como as representações mediáticas, especialmente aquelas alimentadas por estereótipos e distorções, se infil-

²³ S. OLSON, “Die Ehre, die Katharina nie hatte. Die Rolle der Frau in Heinrich Bölls *Die Verlorene Ehre der Katharina Blum*”, Undergraduate German Research Conference, Paper 7, 2012, disponível em <http://digitalcommons.iwu.edu/germanresearch/2012/Posters/7>.

²⁴ J. BOLES/C. SMART, “Women, crime and criminology: A feminist critique”, *cit.*

²⁵ T. ADORNO/M. HORKHEIMER, “The culture industry: Enlightenment as mass deception”, *cit.*

tram nas dinâmicas comunitárias, ao deteriorar a confiança interpessoal e afastando-a do seu círculo social. Trude Blorna, uma das poucas figuras que se mantém ao lado de Katharina, descreve este processo ao afirmar que os *media* estão a destruí-la e que a difamação só terá fim quando o jornal perder o interesse no caso e, por conseguinte, a sua audiência (KB 40), e que “lhe tornaram a vida amarga” (KB 78), o que ressalta a dor íntima e a alienação sofrida pela protagonista.

É importante mencionar o conceito do estigma de ERVING GOFFMAN para compreender como a sociedade tende a reagir aos indivíduos que têm um rótulo de desviantes, reduzindo o indivíduo na sua identidade social e marginalizando-o²⁶. Katharina, antes uma mulher respeitada, é agora vista como um “objecto” de repúdio moldado pela imprensa e intensificado pelo *Gerede*, que, segundo HEIDEGGER, é um tipo de comunicação especulativa, que visa moldar as crenças e as opiniões colectivas, sem qualquer tipo de fundamentação, ao produzir “verdades” incontestáveis e enraizadas na percepção pública²⁷.

O isolamento crescente de Katharina reflecte um processo de desumanização, em que as suas palavras são desconsideradas e distorcidas, levando-a a perder a capacidade de expressão e conexão com a sua identidade²⁸. Imersa numa realidade mediática que a redefine, Katharina procura protecção contra o poder da *Zeitung*, e questiona: “se o Estado não poderia fazer nada para a proteger deste lixo e restaurar a sua honra perdida” (KB 60). Contudo, o Estado recusa-se a intervir, pois os órgãos governamentais operam em cumplicidade com a imprensa, fortalecendo a exclusão e marginalização (KB 76), colocando-a numa posição de extrema vulnerabilidade, e tornando-a indefesa e impotente diante do “terror mediático” da *Zeitung*, sugerindo um quadro de alienação, no qual ela é deixada à mercê das construções narrativas, causando-lhe a perda da sua honra, nível social e integração, simbolizando a destruição não só da sua identidade mas também do seu estado psicológico e psíquico, culminando em actos de revolta e desespero, como a destruição do seu apartamento ao se ver incapaz de preservar o que construiu (KB 78)²⁹. Reflectindo-se, assim, na

²⁶ E. GOFFMAN, *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*, Prentice-Hall, 1963.

²⁷ M. HEIDEGGER, *Sein und Zeit* (19. Aufl.), Max Niemeyer Verlag, 2006 (original work published 1927).

²⁸ B. MENZEL, *Goffman, Erving: Stigma. Über Techniken der Bewältigung beschädigter Identität*, 2020, disponível em <http://hdl.handle.net/20.500.12738/132>.

²⁹ A. BELL, “Language and the media”, in *Annual Review of Applied Linguistics*, vol. 15, 1995, pp. 23-41, disponível em <https://doi.org/10.1017/S0267190500002592>; K. WIEDMANN, “Medienterror: Sprachli-

teoria de ERICH FROMM sobre a transição de sujeito a objecto, onde Katharina deixa de ser vista como um ser humano com desejos e com uma história própria e é reduzida a uma construção mediática³⁰. Relacionando-se, igualmente, com as ideias de JEREMY BENTHAM que defendem a impossibilidade de escapar à constante vigilância imposta pelos *media*, resultando na internalização da realidade construída pela *Zeitung* e no isolamento total, que à luz da audiência já era expectável³¹.

É de notar que JOANA AGUIAR E SILVA destaca o poder da literatura em humanizar os indivíduos e proporcionar uma crítica às estruturas de poder que fomentam a alienação³². O que nos leva a ter de referir que a solidão a que Katharina é submetida e que pode ser interpretada à luz da perspectiva do poeta Rainer Maria Rilke é uma condição inevitável e dolorosa da existência humana, decorrendo não só da ausência de apoio, mas de uma desconexão com o próprio ser e o significado da vida, refugiando-se do mundo ao seu redor e a questionar o seu “verdadeiro eu”³³.

2.4. O clímax narrativo

O clímax narrativo é representado pelo assassinato do jornalista da *Zeitung*, Tötges, principal responsável pela campanha de difamação contra Katharina e pela morte da sua mãe, embora ele a culpabilize, referindo que “a primeira vítima verificável de [...] Katharina Blum pode agora ser descrita como a sua própria mãe, que não sobreviveu ao choque das actividades em que a filha estava envolvida” (KB 113). O acto de Katharina, apesar de moralmente condenável, pode ser compreendido através do conceito de criminogénese social elaborado por ALESSANDRO BARATTA, que analisa como os factores sociais e os contextos de exclusão geram comportamentos desviantes³⁴. O assassinato de Tötges não é simplesmente um acto de vingança, mas uma consequência trágica que simboliza a pressão in-

che Gewalt in der Boulevardpresse und ihre Folgen am Beispiel von Heinrich Bölls *Die Ehre der Katharina Blum*”, 2012, disponível em <https://fis.uni-bamberg.de/handle/uniba/40503>.

³⁰ C. FUCHS, “Erich Fromm and the critical theory of communication”, in *Humanity & Society*, vol. 44, n.º 3, 2020, pp. 298-325, disponível em <https://doi.org/10.1177/0160597620930157>.

³¹ J. BENTHAM, *The Panopticon Writings* (M. Božovič, Ed.), Verso, 1995 (obra original publicada em 1791).

³² J. AGUIAR E SILVA, *A prática judiciária entre direito e literatura*, Edições Almedina, 2001.

³³ P. MARVELLY, “Rainer Maria Rilke: On solitude”, in *The Culturium*, 2022, disponível em <https://www.theculturium.com/rainer-maria-rilke-on-solitude/>.

³⁴ A. BARATTA, *Critical criminology and the critique of criminal law: An introduction to the sociology of criminal law*, Revan, 2010.

sustentável e de vitimação contínua à qual a personagem foi submetida. A criminogénese social debruça-se sobre como o sofrimento psíquico, a estigmatização e a marginalização criam estas condições, particularmente em contextos de exclusão significativa³⁵. Sem alternativas e consumida pelo estigma, Katharina vê-se obrigada a recorrer à violência, aos seus olhos o único meio possível para afirmar a sua existência, ainda que se caracterize pela perda total do controlo pessoal e moral, ilustrando também a crítica de FOUCAULT sobre como a internalização de um estigma social pode resultar em acções que reforçam a própria opressão³⁶.

A violência não é um impulso irracional, mas a concretização de uma identidade imposta pela sociedade e interiorizada por Katharina, não sendo só desfecho da narrativa, mas também uma confirmação do poder absoluto dos *media*, que não só moldam a identidade dos indivíduos, como controlam as reacções da sociedade ao ponto de levar uma pessoa ao desespero total e a um acto radical. É também aplicável aqui a visão de GUY DEBORD sobre a “sociedade do espectáculo”, uma vez que os *media* transformam o assassinato num novo espectáculo, que visa ser consumido pelo público como confirmação da sua versão do ocorrido³⁷. Espectáculo este que reforça a exclusão e a condenação pública, tornando impossível qualquer tipo de redenção para Katharina, resultando na sua condenação judicial pelo assassinato de Tötges, pelo qual é verdadeiramente culpada, sem remorso, e injustamente por ajudar Ludwig Götten, sem conhecer a sua verdadeira identidade³⁸. A sua sentença de prisão reflecte as narrativas mediáticas, mais do que os princípios da verdadeira justiça, sendo o único factor que a consola, o amor, entre ela e Ludwig, apesar das circunstâncias.

2.5. O conceito de agência e resistência

Apesar de ser retratada como uma vítima das forças mediáticas e sociais, a acção extrema da Katharina pode ser também interpretada como um momento

³⁵ C. FUCHS, “Erich Fromm and the critical theory of communication”, *cit*.

³⁶ S. CASTRO-GÓMEZ/K. KOPSICK/D. GOLDING, “Michel Foucault and the coloniality of power”, in *Cultural Studies*, vol. 37, n.º 3, 2021, pp. 444-460, disponível em <https://doi.org/10.1080/09502386.2021.2004435>.

³⁷ G. DEBORD, *The society of the spectacle*, Buchet-Chastel, 1967, disponível em <https://files.libcom.org/files/The%20Society%20of%20the%20Spectacle%20Annotated%20Edition.pdf>

³⁸ Culturebase (s.d.), *Arte e cultura na era digital* [pdf], Culturebase, disponível em <https://doc.culturebase.org/dox/2/1/5/3/0/21530e2651b5eb6d19b55c3eeb2478065e5692ad350df5.96651880.pdf>.

de afirmação existencial, à luz do *Da-sein*, de HEIDEGGER, que se refere à existência concreta e à maneira como o indivíduo se projecta no mundo³⁹. Ao consumir o crime, Katharina rejeita ser uma “marionete” da narrativa da *Zeitung*, e tenta recuperar a agência que lhe foi retirada, num acto que, embora violento e trágico, não é irracional, mas uma tentativa de reapropriação do seu destino. BÖLL ultrapassa a crítica à manipulação mediática ao explorar e simbolizar a resistência individual frente a uma máquina de exclusão poderosa, simbolizando a luta contra as estruturas do poder que lhe roubaram a identidade e a honra em prol do sensacionalismo⁴⁰.

2.6. A manipulação do tempo e o destino trágico

Interpretada à luz da filosofia agostiniana do tempo, a obra permite evidenciar a dimensão ontológica da destruição existencial de Katharina, cuja vivência temporal é marcada pela dissolução da continuidade identitária e pela experiência da fragmentação imposta pela violência mediática. O seu passado é reescrito pelos *media*, sem qualquer possibilidade de redenção; o seu presente, assombrado pela vigilância constante; e o seu futuro, definido pela narrativa imposta pela *Zeitung*⁴¹. Esta manipulação temporal elimina a ilusão de um futuro aberto, condenando-a a um destino irreversível. Apesar de aceitar a sua condenação e o papel de criminosa, Katharina permanece alvo de acusações infundadas, ferindo a sua honra de forma indelével, reflectindo a crítica de BÖLL ao impacto destrutivo das instituições que, em nome do sensacionalismo, arruinam vidas sem oferecer às vítimas a oportunidade de defesa.

³⁹ M. HEIDEGGER, *Being and time* (J. Macquarrie/E. Robinson, trans.), Harper & Row, 1962 (original work published 1927).

⁴⁰ H. STAMATOVIC, *Die verlorene Ehre der Katharina Blum oder: Die Macht der Sensation*, GRIN Verlag, 2008.

⁴¹ S. AGOSTINHO, *Confissões*, Principis, 2020.

3. Reflexão contemporânea: o papel dos *media* na construção de narrativas e a influência nas decisões judiciais

“Quando a maldade se fixa em alguém, já não há nada que esta pessoa possa fazer correctamente, tudo será usado em seu prejuízo e contra ela.

Böll descreveu esta mecânica de difamação implacável muito antes de existirem as redes sociais.”⁴²

[Eva Menasse]

EVA MENASSE estabelece um vínculo directo entre as práticas mediáticas expostas por BÖLL e o ambiente digital contemporâneo, destacando os perigos do sensacionalismo mediático e as suas consequências ferozes nas nossas vidas⁴³. BÖLL antecipou os efeitos da manipulação da informação, que se torna ainda relevante na era digital, em que as redes sociais amplificam o alcance, o impacto e a velocidade das narrativas mediáticas. A metamorfose profunda e global dos modos de produção, difusão e recepção da informação reforça as analogias entre as práticas mediáticas ficcionalizadas na obra e os desafios contemporâneos do sistema judicial, frequentemente condicionado pelas dinâmicas aceleradas e fragmentárias do ecossistema digital.

3.1. Os novos *media* e os mecanismos antigos

Encontramo-nos numa era digital, na qual os mecanismos de manipulação, estigmatização e exclusão ilustrados por BÖLL foram replicados e amplificados por plataformas que tão bem conhecemos, como o Instagram, o Tik Tok, o Facebook e o X; ao democratizarem o acesso à informação, criou-se um espaço onde a mesma lógica sensacionalista da *Zeitung* pode ser reproduzida, agora com alcance global. A prática moderna, designada por “cancelamento”, reflecte o exacto processo de estigmatização e exclusão vivido por Katharina Blum, no qual informações descon-

⁴² HEINRICH-BÖLL-STIFTUNG, (n.d.-a), *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*, Heinrich-Böll-Stiftung, disponível em <https://www.boell.de/de/die-verlorene-ehre-der-katharina-blum>. □ Tradução livre de: “Wenn sich die Ruchlosigkeit auf jemanden eingeschossen hat, gibt es nichts mehr, was er oder sie richtig machen kann – alles wird zu ihrem Schaden und gegen sie verwendet werden. Diese Mechanik der rasenden Diffamierung hat Böll beschrieben, lange bevor es Social Media gab”.

⁴³ HEINRICH-BÖLL-STIFTUNG, *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*, cit.

textualizadas são usadas para dar origem à destruição das reputações e do molde de julgamentos públicos – tudo isto em tempo real, atingindo uma escala incomparável, pois hoje em dia os *posts*, os *stories*, os *reels* e os *comentários* podem ser visualizados e viralizados numa questão de segundos, moldando narrativas que frequentemente reduzem os sujeitos à sua pior interpretação⁴⁴. Assim como na obra de BÖLL, na qual Katharina foi apresentada com uma rotulação, as redes sociais utilizam rótulos simplistas e sensacionalistas para construir narrativas dominantes e rotular os indivíduos, que consequentemente enfrentam a exclusão social e a impossibilidade de recuperar a sua reputação, tal como acentuado na frase de MENASSE⁴⁵.

3.2. A produção das “verdades” digitais

Uma das características estruturais do ambiente digital moderno é, de facto, a manipulação da informação, elemento central na crítica de BÖLL, uma vez que tal como verificamos nas notícias diárias, o desenvolvimento de *fake news*, informações falsas ou distorcidas deliberadamente desempenham um papel fundamental na construção de narrativas desviantes ou criminosas⁴⁶. Tal como a *Zeitung* fabricava narrativas sobre Katharina, as plataformas digitais amplificam conteúdos falsos, priorizados pelos algoritmos que favorecem a participação e a viralização, independentemente da sua veracidade, o que reflecte, por sua vez, a biopolítica de FOUCAULT, distorcendo a percepção pública e afectando directamente o sistema judicial⁴⁷. Ao transformar os processos judiciais em autênticos espectáculos mediáticos, como exemplificado pelo caso emblemático do julgamento *Johnny Depp vs. Amber Heard*, no qual a cobertura intensiva e altamente polarizada sobre as acusações de abuso, amplificada pelos novos *media*, gerou uma construção narrativa na qual as identidades de vítima e agressor foram moldadas

⁴⁴ M. TRAVERSA/Y. TIAN/S. C. WRIGHT, “Cancel culture can be collectively validating for groups experiencing harm”, in *Frontiers in Psychology*, vol. 14, 2023, disponível em <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1181872>.

⁴⁵ HEINRICH-BÖLL-STIFTUNG, *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*, cit.

⁴⁶ I. AMARAL/S. J. SANTOS, “Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade”, cit.

⁴⁷ S. CASTRO-GÓMEZ/K. KOPSICK/D. GOLDING, 2021, “Michel Foucault and the coloniality of power”, cit.

antes de qualquer avaliação das provas no âmbito judicial⁴⁸. Importa sublinhar que foi o tribunal da opinião pública, guiado pelo conceito do espectáculo e pela cobertura e o discurso mediático de GUY DEBORD, que determinou quem seria o “culpado” ou a “vítima”, substituindo e até contaminando o devido processo legal, principalmente a imparcialidade da justiça na elaboração da sentença final, por uma resposta rápida e, aos olhos de muitos, irracional⁴⁹.

3.3. O novo poder disciplinar: vigilância e exclusão

Encontramo-nos num ambiente digital, onde a vigilância social é intensificada e transforma cada indivíduo num potencial observador e julgador. Tal como a exposição mediática de Katharina Blum foi explorada pela *Zeitung*, o mundo digital permite que milhões de “jornalistas amadores” partilhem, comentem e amplifiquem narrativas sem qualquer compromisso com a precisão ou a justiça. Esta ideia do poder simbólico, defendida por PIERRE BORDIEU, aplica-se a este “novo” contexto, tendo em conta que as plataformas digitais criam mecanismos de controlo comportamental, nos quais o “desvio”, seja ele real ou percebido, é imediatamente punido com humilhação pública e exclusão⁵⁰. Tal como na obra de BÖLL, onde Katharina foi isolada e julgada pela comunidade com base numa narrativa mediática fabricada, os indivíduos actualmente enfrentam julgamentos colectivos *online* que transcendem fronteiras geográficas e temporais.

3.4. A actualidade da crítica de BÖLL

Ao retratar o impacto das narrativas mediáticas na vida de Katharina, BÖLL antecipou várias características das dinâmicas digitais contemporâneas; tal atemporalidade é sublinhada por EVA MENASSE, destacando como a “mecânica de difamação implacável” descrita na obra evoluiu com o avanço tecnológico⁵¹. A obra de BÖLL destaca a importância da empatia literária como uma forma de resistência à manipulação mediática; assim como o autor humaniza Katharina, convidando-nos

⁴⁸ BBC News, *Johnny Depp wins libel case against The Sun over ‘wife beater’ claim*, 2020, disponível em <https://www.bbc.com/news/uk-54779430>.

⁴⁹ G. DEBORD, *The society of the spectacle*, cit.

⁵⁰ P. BORDIEU, *La distinction: Critique sociale du jugement*, Éditions de Minuit, 1994.

⁵¹ Culturebase, *Arte e cultura na era digital* [pdf], cit.

a desconstruir as narrativas impostas pela *Zeitung*, a sociedade contemporânea precisa de narrativas que promovam a compreensão e a desconstrução dos preconceitos criados pelas redes sociais que afectam maioritariamente jovens, mas também a cobertura mediática de casos emblemáticos que se encontram em tribunal, como o de Ricardo Salgado, onde as decisões judiciais foram influenciadas pela cobertura mediática e pela opinião pública⁵².

A literatura, como veículo de crítica e empatia, é uma ferramenta ímpar para expor injustiças, a imparcialidade da justiça e desafiar as estruturas opressivas⁵³. Além do mais, a responsabilidade mediática e digital emerge como uma lição central da obra de BÖLL. A ética das plataformas digitais e dos seus algoritmos deve ser questionada, assim como a responsabilidade das instituições mediáticas tradicionais, pois tal como a *Zeitung* na obra, as redes sociais moldam percepções e influenciam os processos judiciais, reforçando a urgência de regulamentação e transparência, já que advogados e juizes, sendo humanos, também são susceptíveis a estas influências.

Considerações finais

A moral de HEINRICH BÖLL sobre os perigos da manipulação mediática simboliza a essência da obra analisada *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*, ao sublinhar: “A moral neste caso seria a seguinte: Leiam os jornais com a máxima desconfiança. Todos. E a minha moral: Ser desconfiado. E, quando se é vítima dos meios de comunicação, não se limitar a ser apenas um objecto, mas antes opor-se a isso. Como fazê-lo, não sei”⁵⁴.

Esta reflexão não só expõe a crítica principal ao poder dos meios de comunicação, que o autor concede através da história de Katharina Blum, mas também articula uma postura ética face à manipulação informacional, convidando-nos enquanto leitores atentos a uma vigilância constante e a uma resistência reflexiva con-

⁵² *Expresso* (16 de outubro de 2024, “O Ricardo Salgado de 2015 entrou por áudio e vídeo no Campus de Justiça, mas nem tudo correu bem”, disponível em <https://expresso.pt/economia/sistema-financeiro/2024-10-16-o-ricardo-salgado-de-2015-entrou-por-audio-e-video-no-campus-de-justica-mas-nem-tudo-correu-bem-cea2b740>).

⁵³ J. M. M. AGUIAR E SILVA/ P. F. DA CUNHA, *Direito, discurso e poder: Os media e a decisão judicial*, cit.

⁵⁴ Heinrich Böll im Interview mit Dieter Zilligen, 1974, *Bücherjournal III* im NDR, S. 42f. Tradução livre de: “Die Moral in diesem Falle wäre: Lest mit äußerstem Misstrauen Zeitungen. Alle. Und meine Moral: Misstrauisch sein. Und wenn man zum Opfer der Medien wird, nicht nur bloß Gegenstand sein, sondern sich wehren dagegen. Wie, weiß ich nicht.”.

tra as estruturas de poder mediáticas. A citação sintetiza a problemática da obra, que transcende a mera ficção literária e se constitui como um incisivo comentário sobre o poder dos meios de comunicação ao criar narrativas, frequentemente preconceituosas e distorcidas, que destroem vidas. O processo de transformação de Katharina num alvo de difamação ilustra como os meios de comunicação, ao rotular indivíduos, não apenas moldam a opinião pública, mas também comprometem os princípios fundamentais de uma justiça imparcial e a dignidade humana. A partir desta construção narrativa, o autor alerta-nos uma vez mais para o perigo da construção social da “criminalidade” e para os efeitos devastadores que a manipulação mediática pode ter sobre a individualidade e a autonomia dos sujeitos sociais.

A abordagem interdisciplinar proposta neste artigo articula contributos da teoria da rotulação, de HOWARD BECKER, da biopolítica foucaultiana e da semiótica do poder segundo PIERRE BOURDIEU, entre outros teóricos notáveis, permitindo uma leitura crítica das lógicas de exclusão, vigilância e estigmatização que se impõem sobre a figura de Katharina, enquanto sujeito subalternizado pelo discurso mediático-judiciário⁵⁵. A obra revela como o sistema mediático, aliado aos preconceitos sociais e às falhas institucionais, consegue transformar a vida de uma mulher comum num espectáculo de humilhação pública⁵⁶. A construção social da criminalidade à volta de Katharina não é uma simples consequência do jornalismo sensacionalista, mas uma manifestação do controlo social exercido por meio de ferramentas do poder simbólico, nos quais os *media* ocupam um papel central na marginalização dos indivíduos com base nas informações distorcidas ou preconceituosas⁵⁷.

A relevância da obra vai além do seu contexto histórico específico, ao referir que as dinâmicas contemporâneas, caracterizadas pelas *fake news*, campanhas de cancelamento e manipulação algorítmica, reiteram a actualidade das críticas de BÖLL⁵⁸. Assim como a *Zeitung* desempenha um papel crucial na construção de uma narrativa colectiva sobre Katharina, as redes sociais e os algoritmos digitais actuais

⁵⁵ H. S. BECKER, *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*, cit.; M. FOUCAULT, 2008, *The birth of biopolitics: Lectures at the Collège de France, 1978-1979*, cit.; P. BOURDIEU, *Sur la télévision: Le champ journalistique et la politique*, Liber/Raisons d'Agir, 1996.

⁵⁶ S. CEFAL, *Humiliation's media cultures: On the power of the social to oblige us*, *New Media & Society*, vol. 22, n.º 7, 2020, pp. 1287-1304, disponível em <https://doi.org/10.1177/1461444820912543>.

⁵⁷ J. LINDELL, “Symbolic violence and the social space: Self-imposing the mark of disgrace?”, in *Cultural Sociology*, vol. 16, n.º 3, 2022, pp. 45-60, disponível em <https://doi.org/10.1177/17499755221082375>.

⁵⁸ INÊS AMARAL/SOFIA J. SANTOS, 2020, “Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade”, cit.

operam de maneira análoga, amplificando preconceitos, disseminando desinformação e normalizando práticas de exclusão, reflectindo directamente as tensões mediáticas que BÖLL já delineava na sua época, evidenciando a persistência de problemas estruturais no funcionamento dos *media*.

A frase final de BÖLL – “Como fazê-lo, não sei” – revela a complexidade da resistência contra a manipulação mediática, apontando a literatura como uma ferramenta crítica e ao desafiar-nos a desconstruir as narrativas impostas, a praticar a empatia e a compreensão do outro, convocando a necessidade da responsabilidade colectiva em questionar as instituições mediáticas e de defender os valores da justiça e da verdade, tratando-se de uma chamada à reflexão crítica sobre o papel dos *media* na formação da opinião pública e na constituição das narrativas judiciais⁵⁹. Embora não apresente uma solução definitiva, o autor sugere que a resistência começa pela reflexão crítica e pelo posicionamento activo contra a raciocínio dos meios de comunicação. Dada a manipulação massiva da informação, a literatura oferece uma “plataforma” imprescindível para a contestação das estruturas de poder mediáticas, assegurando que a resistência não se caracteriza como um acto isolado ou individual, mas como uma acção colectiva que depende da vigilância crítica e empática de todos nós. Posto isto, a literatura advém como uma linha de defesa face aos abusos do poder mediático, seja o mesmo impresso, televisivo ou digital. A reflexão crítica sobre as narrativas dominantes é uma das formas mais eficazes de resistência à manipulação e ao controlo social impostos pelos meios de comunicação.

Die verlorene Ehre der Katharina Blum permanece, assim, um alerta crucial para o presente. A vigilância crítica, a empatia literária e a compreensão do outro são as primeiras linhas de resistência contra os abusos dos meios de comunicação e contra os processos de construção social de criminalidade. Num contexto de crescente manipulação da informação, as lições de BÖLL revelam-se mais urgentes do que nunca, desafiando-nos a reflectir sobre o papel dos meios de comunicação, a ética jornalística e o impacto das tecnologias digitais na formação da opinião pública e sobretudo na tomada de decisões judiciais. A obra de BÖLL não se limita a ressoar nas inquietações do presente, projectando-se também como uma advertência para o futuro, na medida em que este, embora dependente do presente, exige uma postura crítica e eticamente comprometida face aos desafios emergentes da manipulação informacional e dos mecanismos contemporâneos de controlo social.

⁵⁹ Heinrich Böll im Interview mit Dieter Zilligen, 1974, Bücherjournal III im NDR, S. 42f, *cit.*